



Sala V.T.
Gab. 17
Est. 1
Tab. 1
N.º 8

SERMAM

D O

P A T R I A R C H A S. A G O S T I N H O

que no seu dia de 28. de Agosto do anno de 1680.

P R E G O V

N O R E A L M O S T E I R O D E S A N T A
Cruz de Coimbra,

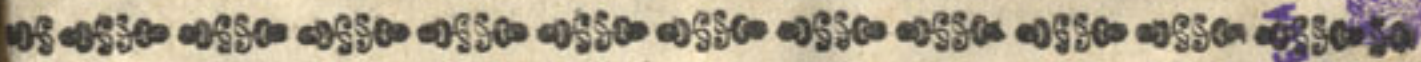
O M. R. P A D R E

D O Y T O R D. A N T O N I O D O S M A R T Y R E S
Lente de Theologia no Collegio dos
Conegos Regulares.

DEDICADO AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

D. I O S E P H D E M E N E S E S,

BISPO DO ALGARVE, &c.



EM COIMBRA: *Com todas as licenças necessarias.*

Na Officina de I O S E P H F E R R E Y R A, Im-
pressor da Vniuersidade. Anno de 1680.



SEBASTIÃO

DE

em 28 de Agosto de 1830.

FRANCISCO

NO REAL MONASTÉRIO DE SANTA

Cruz de Coimbra.

O. M. R. PADRE

DOM JOÃO D. ANTONIO DOS MARTIRES

Leite de Theologia no Collegio das

Conegos Regulares.

DEDICADO AO ILLUSTRÍSSIMO SENHOR

JOSEPH DE MENESES

Bispo de Algarve &c.



Em Coimbra: Comprehensivelmente

Em 1830.

Impressão da Universidade. Anno de 1830.

IL LVSTRISSIMO SENHOR.



Entre as persuaçoës que tiue para imprimir este sermão, eram muitas as que tinham pera mim força de preceitos, & todos esses não bastarão a vencer a repugnancia que tinha em fazer publicos os meus erros; bastou porèm a aduertencia de que os podia dourar com o reclarissimo nome de vossa Illustrissima: que ainda que este sermão seja pequena traja para se esculpir tam grande nome, he tambem certo que em vossa Illustrissima, assim como admiramos maiores talentos que no Mecenas valido de Augusto para o governo politico da Monarchia, assim hauemos de venerar maior benignidade para patrocinar qualquer occupaçam estudiosa. Espero eu ainda, senhor, que Roma, a qual quando gentia exalau, & aplaudio ao Mecenas Romano, & gentio, hoje Catholico, & cabeça da Igreja, admirando em vossa Illustrissima maiores talentos que no seu Mecenas, & venerando-o Principe Catholico, & Ecclesiastico o puxe obsequiosa para as purpuras, & para as Tiaras. Guarde Deos a pessoa de vossa Illustrissima para que breuemente vejamos aos seus grandes talentos occupar quelles lugares que sam ajustadas espheras de sua grandeza.

De Vosso Illustrissima

Seruo muito obrigado

D. Antonio dos Martyres.

A 2

GEN-

CENSURA DA ORDEM.

POr ordem do Reuerendissimo Padre Prior Geral, Cancellario da Vniuersidade, vi este fermam que pregou o M. R. P. Doutor Dom Antonio dos Martyres, Lente de Theologia no nosso Collegio dos Conegos Regulares: todo elle esta mui cheo, & abundante de doutrina, agudeza, & eloquencia; & a todos pode seruir de exemplar modelo; & farol para dirigir seus estudos, & acçoens; pello que pode Vossa Reuerendissima concederlhe licença para o dar ao prelo que fera para augmento dos lououres do Santo, & fruto & vtilidade para todos. Santa Cruz 8. de Outubro de 680.

O Doutor Dom Antonio dos Santos.

Censura do M. R. P. M. Fr. Pantaleam do Sacramento, Lente de Theologia, Guardiam no Collegio de S. Boaventura.

POr mandado do Illustrissimo Senhor Bispo Conde Dom Fr. Aluaro de S. Boaventura, vi este fermam, que no Real Conuento de Santa Cruz desta Uniuersidade pregou o M. R. P. Doutor Dom Antonio dos Martyres no dia do seu Patriarcha o grande Agostinho; & sobio tanto o Autor em descreuer o que o Santo diuinamente entendeo, & tanto se inflamou em discursar o que o Santo superiormente amou, que sendo Santo Agostinho Aguia dos engenhos, pello muito que diuisou ao Diuino Sol os rayos, como Aguia se remonta este seu filho a descreuer deste grande sol as luzes; & se os filhos seguem a mesma condiçao dos pays, cõsequencia forçosa era, que melhor que todos hauia de penetrar a portentosa erudiçao daquelle pay, a admirauel eloquencia deste filho: pello q̃ senhor me parece o fermam por ajustado nos assumptos, & por superiores conceitos, tam merecedor de imprimirse como indigno de censurar se; & deue Vossa Illustrissima dar a licença que pede; para que os entendidos, & os amantes de Santo Agostinho, quando lerem este papel, entendão no pay o que amou, & amem no filho o que entendeo; este he o meu parecer. No Collegio nouo de S. Boaventura em 12. de Outubro de 1680.

Fr. Pantaleam do Sacramento.

Vlsta a informaçao podesse imprimir este fermam, & depois de impresso torne para se conferir com o original, 12. de Outubro de 1680.

D. Fr. Aluaro Bispo Conde.



Vos estis lux mundi. Math. 5.



QUIVOCADOS encontro na sagrada Escripura os titulos de Christo Redemptor nosso com os titulos dos Doutores de sua Igreja: falla o Euangelista S. Joáo do Verbo Diuino Incarnado, & chamalhe luz: *erat lux vera.* Falla

Ioan. c. 1. n. 9.

Christo Senhor nosso por S. Matheus nos Doutores da sua Igreja, & chamalhes luzes: *vos estis lux mundi.* E porque não parecesse, que estas luzes eráo diferentes porque alumiauaõ em diuerfas espheras, Christo Senhor nosso que chamou a seus Discipulos luzes do mundo, tomou pera si o mesmo titulo com as mesmas palavras. *Ego sum lux mundi:* assim o disse pello Euangelista S. Joáo no Capitulo oitauo. De sorte que vem a estar tão equiuocados o titulo de Christo com o titulo dos Doutores da Igreja, que nem se distinguem na esphera, porque tudo sam luzes do mundo; nem se distinguem no numero, porque tudo saõ luzes vnicas: o mesmo Senhor que de si disse, que era húa luz: *Ego sum lux:* fallando com os Discipulos que eráo muitos não lhes disse que eráo muitas luzes, senão que eráo húa sô luz: *Vos estis lux:* tam parecidos quis que fossem cõ elle os Doutores na sua Igreja, que nem tiuessem differença no luzido do titulo, nem se distinguissem na singularidade da luz. Isto era querer que os Doutores da Igreja fossem luzes tão vnicas, & tão singulares em luzir, & em arder, que a sua singularidade fosse claro ar-

Ioan. c. 8. n. 12.

gumento da sua excellencia. E se a singularidade do luzir, & a singularidade do arder são claro argumento da excellencia das luzes: qual luz poderemos achar mais excellente que aquella grande, & vnica luz da Igreja, a Aguia dos Doutores, o fenix dos amantes, meu Venerauel Patriarcha S. Agostinho? que por vnico se se equiuocou com os rayos daquella luz Diuina, & por fenix se abrazou nos ardores daquella chama eterna?

Nas luzes ou podemos considerar a propriedade, de arder, ou podemos considerar o effeito de luzir; pello luzir se significa nos Doutores o entender, pello arder se significa o amar; donde, as luzes da Igreja podem luzir, & podem arder (isto he os Doutores podem entender, & podem amar) mas de tal sorte que o luzir seja vaidade, & o arder não seja dezipenho da obriga-

D. Bern. serm. in na- iuit. 5. Io- an. Bapt. ção; assim o disse S. Bernardo: *Est enim tantum lucere vanum, tantum ardere parum, ardere, & lucere perfectum.* Luzir sem arder (isto he entender sem amar) he vaidade: *Lucere tantum est vanum:* arder sem luzir he pouco: *Ardere tantum est parum.* Luzir & arder (entender, & amar) he perfeito. *Lucere, & ardere est perfectum.* Porèm meu grande Patriarcha não sómente entendeu, & amou, não sómente luzio, & ardeo como luz perfeita; mas entendeu, & amou; luzio, & ardeo cõ tais excellencias, que foi luz da Igreja sobre perfeita vnica, & singular, como Christo encomendaua aos Discipulos que fossem, luzes singulares: *Vos estis lux.*

Esta singularidade daquella grande luz da Igreja será o que hauemos de mostrar neste sermão em dois discursos; no primeiro veremos como foi singular quanto ao modo; no segundo veremos como foi singular quanto ao excessõ; no primeiro ponderaremos a ordem q̃ guardou entre luzir, & arder, entre entender, & amar, & ahi veremos a singularidade com que trocou os ter-

(7)

mos da Philosophia na ordem da graça, para emendar os erros em que cahirão os primeiros individuos da natureza: no segundo ponderaremos o excesso com que luzio, & ardeo, com que entendo, & amou; & ahi veremos a singularidade com que excedeo em luzir, & arder pellos mesmos passos que parecia diminuir as luzes, & os ardores. Para mostrarmos isto com clareza, & com novidade nos he necessario o auxilio Diuino; aquelle coração de Agostinho que se vio tam abrazado com as enchentes da Diuina graça, poderá interceder que se nos communique, peçamola por meio da Virgem Mãy.

A V E M A R I A.

Vos estis lux mundi.

CReou Deos no principio do mundo aquella luz de que depois se hauia de formar o corpo do sol, & naquelle principio ficou a luz entre as treuas.

Et tenebræ erant superfaciem abyssi. Mas ao quarto dia daquella luz se formou o sol: se repararmos haemos de achar que a luz ainda entre as treuas leuaua os agrados dos olhos Diuinos, por isso Deos a tirou de entre as treuas.

Vidit Deus lucem quòd esset bona, & diuisit lucem a tenebris: tambem haemos de achar que a formação daquelle corpo luminoso do sol, não foi criação de nouo, foi conuersão; conuerteose a luz em sol, assi o diz o Doutissimo a Lapide, Abulense, & outros. Isto que succedeo à luz na ordem da natureza, succedeo a Agostinho (grande luz da Igreja) na ordem da graça: creou Deos a Agostinho com tantos dotes da natureza, com tantas ventagens de entendimento, que sem diligencia de mestre algum soube todas as artes liberaes: *Omnia didici nullo me docente.* Diz o mesmo

genes. c. 1. n. 2.

genes. c. 1. n. 4.

D. Aug. l. 1. conf.

Santo no liuro das suas confisões. Isto forão priuilegios de luz: *Lux suo utitur testimonio, & non alieno*
sufra-

D. *Amb. Infragio.* Diz S. Ambrosio que a luz não tem necessidade de mestre que a ensine a luzir. Esta luz tão perfeita na ordem da natureza, andava tão imperfeita na ordem da graça, que estava entre as trevas dos erros dos Manicheos, mas como já leuava os agrados dos olhos Diuinos, tirou-a Deos das trevas: *Diuisit lucem a tenebris.* E conuerteo-a em sol que alumiasse toda a Igreja. Conuerteo-se Agostinho com circunstancias bem notaveis da parte de Deos que o chamaua, & da parte de Agostinho que ouuia, mas como essa conuersão tem dia particular na Igreja não nos fica lugar de as discorrer agora, passemos àquellas acçoens que são proprias deste dia para vermos a singularidade desta luz na ordem que guardou entre luzir, & arder.

§. II.

D E pois de sua conuersão começou Agostinho a alumiar a Igreja com luzes de doutrina, & a mesma Igreja diz que aquellas luzes erão luzes de sol applicandolhe as palauras do Ecclesiastico: *Quasi sol refulsit in templo Dei.* Para significar que Agostinho era singular, & vnica luz pela singularidade do luzir: *Sol quia solus.* E pela circunstancia do arder: nas luzes (geralmente fallando) bem se pode diuidir o luzir, & o arder, assim se vem muitas pedras no mundo a que o mundo chama preciosas que luzem, & não ardem, mas no sol he inseparauel o arder, & o luzir, antes se o considerarmos metaphisicamente primeiro são os ardores do que as luzes: assim meu grande Patriarcha foi sol tão singular, & luz tão vnica, nas excellencias de entender, & nas singularidades de amar, que ardeo primeiro que luzisse, amou primeiro que entendesse: esta he a primeira singularidade.

Vacillante Agostinho nos erros dos Manicheos, & deseioso de saber a verdade Catholica disse fallando
com

(9)

com Deos estas palauras: *Inquietum est cor nostrum donec requiescat in te.* Que os ardores de seu coração suspiração por aquelle centro de bondade infinita em que descansassem. Esta queixa de Agostinho parece que senão ajusta com a sua enfermidade: a doença de Agostinho estava no entendimento, porque o entendimento era o que estava offuscado com erros: pois logo porque não pede luz para lhe certificar o entendimento, & pede centro para lhe descansar o coração? na ordem da natureza primeiro he o entender, do que o amar: *Nihil volitum, quin praecognitum.* Diz a Philosophia, nada se ama sem que primeiro se conheça, & isto que succede na ordem da natureza, succede tambem ordinariamente na ordem da graça: porque Deos he o soberano objecto de nossa Fee, por isso he o vnico objecto do nosso amor; não temos amor a Deos sem termos fee: & Agostinho hauendo primeiro de pedir luzes para o entendimento, pede objectos para a vontade? Sim: que como entrava a luzir como sol na Igreja: *Quasi sol refulgens,* havia de luzir, & arder tão singularmente, que primeiro se lhe haviam de conhecer os ardores do que as luzes, primeiro havia de amar do que entendesse. Quis Agostinho trocar os termos da Philosophia (amando primeiro que entendesse) para emendar os erros da natureza; mais claro, quis errar as Philosophias, para emendar os erros em que tinha caído a natureza creada no principio do mundo.

O primeiro entendido que vio o mundo, o mais fino & mais sublime entendimento que admirou a natureza creada, foi o entendimento de Eusbelmas foi tam mal empregado esse entendimento, & foi tam desgraçado esse entendido, que errou, & caiu irremediavelmente no segundo instante de sua criação. escreue Izaías o caso, & dis assi: *Quomodo cecidisti de Caelo Lucifer*

D. Aug. 1. conf. c. 1.

D. Bern. 1. 3. m. 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35.

Izay. c. 14. n. 12.

-nollis

B

qui

D. Bern. in
cal. noi. ẽ.
de verb. 1-
xay. serm. 3

qui mane oriebaris? Como cahiste quando amanhecias
espirito entendido? notauel circumstancia. *Qui mane
oriebaris.* Quando madrugauas a luzir: se Izayas escre-
uia o caso para exemplo, bastaua explicar o motiuo da
queda, & o motiuo dizem commumente os Doutores
que foi soberba: logo para que explica a circumstancia
de que Lusbel começaua a luzir quando cahira? expli-
cou-a; porque sendo aquella a primeira operaçam da
natureza Angelica, foi o primeiro erro, & a primeira
disgraça daquelle entendido, porque com o acto de en-
tender nam ajuntou o acto de amar, foi pensamento de
S. Bernardo: *Habuiſti miſer lucem, ſed ardorem non
habuiſti:* diz o Santo. Lusbel sómente entendeu, mas
nam amou, & ainda que a elle lhe bastaua que amasse
depois de entender, com tudo he certo que a aquellas
luzes de entender nam se seguiram os ardores de amar.
Ardorem non habuiſti. Pouco differente deste erro foi
aquelle em que cahio a natureza humana, que Adam
peccou por querer entender desordenadamente: &
meu grande Patriarcha vendo que a natureza Angeli-
ca, & a natureza humana erraram por quererem luzir
sem arder, por quererem saber sem amar; para emen-
dar aquelles erros, trocou na ordem da graça os termos
da Philosophia, nam se contentando com amar depois
de entender, mas amou primeiro que entendesse, sen-
do as suas primeiras ansias aquelles ardores da vonta-
de. *Inquietum eſt cor noſtrum.*
Depois que Christo Senhor noſſo veio ao mun-
do na primeira petiçam que lhe fizeram os Discipulos
dentro do Apostolado quizeram trocar os termos a
estas philosophias por donde tinha errado Lusbel, mas
ainda que trocaram os termos, continuaram o defacer-
to, & nam emendaram o defeito: foi rezam dada pello
mesmo Senhor. Pediram dois Discipulos a Christo
assen-

(11)

assentos no seu Reyno, & o Senhor condenou a peti-
 çam por ignorante: *Nescitis quid petatis.* Eu nam
 alcanço como se accomoda com aquella petiçam esta
 censura? ou a petiçam era ambiciosa, ou era justa: se era
 justa nam merecia a censura de ignorante: se era ambi-
 ciosa, a sua ambiçam deuia ser a sua censura, & nam a
 ignorancia: logo como condena o Senhor a petiçam
 por nescia, & nam por ambiciosa? com muita rezam:
 porque Christo Senhor nosso que vinha ao mundo
 para nos ensinar todas as cousas, notou naquella peti-
 çam que ainda q̄ trocava os termos da philosophia por
 donde tinha errado o primeiro Anjo, & o primeiro
 homem, com tudo nam emendava os defeitos, porque
 com a rezam de amar nam juntaua a rezam de enten-
 der: as palauras do texto de S. Marcos explicam tudo
 isto claramente: *Accedunt Iacobus, & Ioannes dicen-
 tes magister volumus ut quodcunque petierimus facias
 nobis.* A primeira cousa que declararam na petiçam
 foi hum acto de vontade: *volumus*: queremos mas com
 este acto de vontade, nam se juntou nenhum acto de
 entendimento que julgasse; por isso o Senhor conde-
 nou a petiçam por ignorante, & nam por ambiciosa.
 Lusbel errou porque entendeo sem amar: os Discipu-
 los erraram porque amaram sem entender: quando se
 entende, & nam se ama, desencaminhase a vontade,
 porque nam segue aquillo que deuia seguir: quando
 se ama, & nam se entende, desencaminhase a vonta-
 de, porque abraçsa aquillo que nam hauia de abraçsar;
 & tudo isto he erro. A ambiçam he excesso de hum
 acto da vontade; a ignorancia he carencia de hum ac-
 to de entendimento: & o Senhor para mostrar que
 naquella petiçam faltava hum acto de entendimento
 (ainda q̄ ouesse acto da vontade para querer) conde-
 nou a petição por ignorante: *nescitis quid petatis.* Por-

Marc. cap.
10. n. 28.

Marc. cap.
10. n. 35.

que queria ensinar aos Discipulos que as luzes da sua Igreja haviam juntamente de luzir, & arder, haviam de amar entendendo, & haviam de entender amando: mais claro, o seu acto de amar haviam de ser entendido, & o seu acto de entender haviam de ser amado.

Mas como esta liçã era muito delicada, & mui sublime, & esta Philosophia divina na ordem da graça parecia que encontrava os termos da Philosophia humana na ordem da natureza, foi necessario que viesse ao mundo o amor Divino para dictar esta liçã aos Discipulos: a mesma pessoa do Spirito Santo desceu ao mundo para ensinar esta liçã a todo o Collegio Apostolico. Disse Christo Senhor nosso aos Apostolos, que depois que elle subisse aos Ceos, havia de vir a Pessoa do Spirito Santo para lhes ensinar todas as cousas: *paracletus autem Spiritus Sanctus quem mittet pater in nomine meo, ille vos docebit omnia.* Desce o Spirito Santo sobre os Apostolos, & nam diz a Scriptura Sagrada que naquella occasiam disse o Spirito Santo nada aos Discipulos. Pois se o Spirito Santo vinha para ensinar, porque nam dà ahi aos Discipulos documentos que estudem? porque lhes nam dicta preceitos que obedecã? porque lhes não ensina liçoens que aprendam? porque as liçoens do Spirito Santo sam muito invisiveis, & sam muito interiores, mas com serem interiores, & invisiveis, ainda assim naquella occasiam appareceo exteriormente a liçã mais alta & mais sublime que podia dictar a Philosophia do amor Divino:

Joan. 14.
n. 26.

act. apost.
2. n. 3.

Apparuerunt dispersit & lingue tanquam ignis, seditque supra singulos eorum: appareceram sobre os Apostolos linguas de fogo. No fogo sam as luzes consequencia dos ardores, & o Spirito Santo como vinha a ensinar os Apostolos, & fazellos luzes da Igreja, veio em fo-

fogo, para lhes ensinar, que haviã de luzir ardendo, & arder luzindo: isto he, entender amando, & amar entendendo. Em quem ha de ser luz da Igreja, ha de ser tam inseparavel o amar, & o entender, que se equivoque o entendimento com a vontade; ha de entender cõ o coraçã, & amar, ha de amar com o entendimento, & entender: por isso as lingoas de fogo se puzeram sobre a cabeça dos Apostolos; sendo o peito o centro dos ardores, sendo a cabeça o lugar das luzes, as chamas, & as luzes do fogo vniram se na cabeça dos Apostolos para significar que nas luzes da Igreja, o amar & o entender ham de ser tam inseparaveis, que nunca os diuida a realidade, & se os diuidir a rezam, primeiro ha de ser o amar que o entender: esta he a singularidade de quem he sol da Igreja: *quasi solrefulgens.*

Porem àquella fineza de Agostinho, parece que nam està em tudo ajustada com o que tenho dito; porque se eu digo que a singularidade de quem he sol da Igreja consiste em luzir ardendo (isto he em entender amando) das palavras de Agostinho sómente se colhe que amou, mas nam se colhe que entendeu: *Inquietum est cor nostrum*: isto he amar, nam he entender. Antes digo que nisso esteue a singularidade deste grande sol da Igreja, desta vnica luz de Agostinho, que nam destinguio as luzes dos ardores, nam só lhe seruió o coraçã para amar, senam tambem para entender. Tinham no principio do mundo nossos primeiros pays trocados os objectos aos sentidos para desobedecerem a Deos: com hum só sentido vzou Eua de dous objectos para peccar; sendo o suaue o objecto do gosto, & sendo o fermoso o objecto da vista; Eua para peccar vio com os olhos a fermozura do pomo prohibido, & vio a suauidade do gosto: *Vidit igitur mulier quod bonum esset lignum ad- uescendum, & pulchrum oculis.* Trocou Eua para pec-

genes. c. 3.
n. 6.

car os termos à philosophia, porque exercitou hum sentido nos objectos dos outros sentidos: estendeo o sentido do ver ao objecto do sentido do gostar: *Bonum advescendum, & pulchrum oculis*: & assim Agostinho para emendar aquelle erro, para dezempenhar a natureza humana na satisfação daquelle defacerto, exercitou a potencia do amar no objecto da potencia do entender, estendeo o coração ao objecto do entendimento, & pello mesmo acto com que amava por esse mesmo entendia.

3. reg. c. 3.
n. 9.

Esta nova, & primorosa philosophia do amor Divino está particular, & sutilmente advertida em hū lugar da Sagrada Escripura pouco notado. Naquelle tempo em q̄ Salamam era amado de Deos, fez a Deos hūa petição de bem difficulতোza intelligencia que dizia assi: *dabis ergo seruo tuo cor docile ut populum tuum judicare possit*: Senhor (diz Salamam a Deos) dareis ao vosso seruo hum coração capax de ensino para julgar este povo. O Hebraico: *le-cor audiens*. Hum coração que ouça. Se o officio do coração he amar, porque nam pede Salamam hum coração que ame? senam hum coração que ouça, hum coração que entenda para julgar? *Cor audiens. Cor docile ut judicare possit?* A rezam he que Salamam pedia sciencia, & como vio que para agradar a Deos era necessario juntar o amar com o entender, por isso pos a sciencia no coração. Tinha Salamam entendido, que Eua offendera a Deos trocando os objectos aos sentidos, porque estendeo o sentido do ver ao objecto do sentido do gostar, & assim para desagrauo dos sentidos & para satisfação daquelle erro, quis estender a potencia de amar ao objecto da potencia de entender, pedindo hum coração que amasse, & que entendesse: *Cor docile ut judicare possit*. Mas ainda que Salamam dezejou pôr em praxi esta nova & primorosa philosophia

(15)

phia do amor diuino, nam acabou de a pór por obra, porque este alto, & vnico primor estaua reseruado para o Salamam da lei da graça o grande Agostinho meu Padre. O coração de Salamam depraouou se porque excedeo no amor das creaturas: *Depravatum est cor ejus per mulieres:* por isso nam pode vnir as excellencias de amar com as singularidades de entender. O coração de Agostinho apurou se, porque se ferio com o amor Diuino: *Sagittaueras tu Domine cor meum charitate tua:* por isso vnio aquellas excellencias com aquellas singularidades foi coração amante, & intelligente: em proprios termos o disse o mesmo Santo nas suas confissoens: *amo quandam lucem, quandam vocem, quendam odorem, quendam cibum, quendam amplexum cum amo Deum:* que quando amaua a Deos estendia o coração aos objectos de todos os sentidos. Que a tanto chegou a singularidade deste grande sol da Igreja desta vnica luz de Agostinho: *Vos estis lux.*

3. reg. cap. 11. n. 4.
D. Aug. l. 9. conf. c. 2.
lib. 10 conf. c. 6.

Eis aqui a singularidade que teue quanto ao modo esta grande, & vnica luz da Igreja entre o luzir, & o arder, entre o entender, & o amar que chegou a trocar os termos da philosophia humana, & a confundir os objectos das potencias, em satisfaçam do erro, & em desagrauo da natureza creada. E se agora tornarmos a olhar para esta grande luz com segunda vista, hauemos de ver que tambem foi vnica, & singular pello excesso com que luzio, & ardeo, (isto he pello muito que entendo, & pello muito que amou) cuja singularidade foi abraçar se pellos mesmos passos que parecia deminuir as luzes, & os ardores.

§. III.

Chegou a luzir tam singularmente este grande sol da Igreja, chegou a alcançar tanto aquelle sublime entendimento, que o que Agostinho entendo foi

a exaggeração de quanto se podia entender: o entendi-
 mento de Agostinho foi a baliza dos entendimentos
 creados: os Santos, & os Expositores sagrados, buscan-
 do diferentes modos de explicarse nam acabam de
 encarecer a grandeza da sciencia de Agostinho. S. Hie-
 ronymo o comparou com a Aguia: *Augustinus volans*
per montium cacumina quasi Aquila. S. Remigio com-
 parou eo Sol de cuja luz aprendiam todas as luzes: *A-*
lij Doctores comparantur stellis, Augustinus Soli, nam
sicut stelle lumen à sole recipiunt, sic omnes Doctores
lumen recipiunt ab Augustino. Santo Isidoro disse que
 Agostinho com o engenho, & com a sciencia venceu o
 estudo de todos os Mestres: *Magistrorum omnium stu-*
dia Augustinus ingenio, & scientia vicit. Da sciencia
 de Agostinho chegou a dizer Voluziano que se enten-
 deria que faltava na lei de Deos aquillo que Agostinho
 nam soubera: *Credendum est legi Dei deesse quidquid*
Augustinum contingerit ignorare. E ultimamente S.
 Possidonio seu discipulo como conhecia mais intima-
 mente o excesso daquella sciencia disse assim: *Augus-*
tinus homo Cælestis imago Diuinitatis Doctor Doc-
torum, abyssus sapientiae, &c. Agostinho homem do
 Ceo, imagem da Diuidade, Doutor dos Doutores, a-
 bismo da sabedoria, &c. Nam se podiam encarecer ma-
 is as luzes, & as sciencias de Agostinho!
 Do Verbo Diuino disse o sabio que era ham resplen-
 dor da luz eterna, & imagem sua: *Candor est lucis eter-*
nae: & Imago bonitatis illius. E os Theologos di-
 zem que o Verbo Diuino he Imagem do Pay, porque
 procede pello entendimento, & pella rezam de sua
 processam recebe toda a sciencia Diuina. Qual pode-
 remos logo considerar que foi a sciencia de Agostinho
 aquem os Santos chamam Imagem da Diuidade? *A-*
mago Diuinitatis? Eu me não atreuo a dizello, digam-
 no

D. Hier. lib
 de duodec.
 doct. tom. 1

D. Remig.
 in exposit.
 psal.

D. Isidorus
 4. etimol.

Volusian. ad
 Aug. 1. 2.
 epist. 2.

D. Possid.
 in epist. ad
 Maced.

Sap. cap. 7.
 v. 26.

(17)

no aquellas tam celebres contendas com que Agostinho no discurso de sua vida venceo tantos Hereges Manicheos: digamno aquellas tam porfiadas controuersias que nos vltimos annos de sua idade teue com Pelagianos, donde a graça Diuina por meio de Agostinho contou tantas victorias como batalhas, tantos triumphos como combates: nam me detenho em referir os oraculos dos Summos Pontifices, neste ponto de tanto credito para Agostinho, porque bem sabida he a singular estimaçam que sempre fez a Igreja Catholica da sua doutrina, que chega a ser tanta, que na materia da Diuina graça a authoridade de Agostinho sómente prepondera as authoridades de todos os mais Doutores. Sem duuida que tem entendido a Igreja Catholica, que na sciencia, & no conselho deste fabio tem mais seguro, & mais estabelecido seu dominio do que nos milagres dos outros Santos, & para adquirir subjeçoens, & obediencias à Igreja, val mais o conselho, & sciencia deste fabio, que o poder, & milagres dos outros.

Leuantouse Absalon com a Coroa, & Reyno de Israel, & para se segurar no dominio daquella Monarchia tomou por conselheiro a Achitophel, & formou hum exercito com que se fizesse obedecido de todos os vassallos: teue disto noticia Dauid, contra quem se fazia aquella conjuraçam, & posto naquelle aperto, recorreo a Deos com esta petiçam: *Infatua Domine consilium Achitophel.* Senhor fazei desacertados os conselhos de Achitophel para que eu possa escapar das mãos de Absalon. Parece que Dauid nam consideraua bem neste caso, a causa do seu perigo, & do seu temor: Dauid estaua naquella occasiam em perigo, porque seu filho Absalon tinha consigo muita mais gente que Dauid: *Vniuersus Israel sequitur Absalon.* E tanto q̄ se pleiteam as Monarchias com as armas, as victo-

2. reg. c. 15. n. 31.

2. reg. c. 15. n. 13.

C

rias

rias fam as que julgam o direito das Monarchias, & nam os conselhos: logo como se teme mais David dos conselhos de Achitophel, do que de todo o exercito de Absalon? com muita rezam: porque Absalon sómente podia lograr a conjuraçam contra David trazendo à sua obediencia os Israelitas, & para adquirir obediencias pode mais a prudencia de hum conselheiro douto do que todo o poder dos exercitos, & a rezam disto vem a ser, que as obediencias exercitamse com os actos da vontade, & a vontade persuadese com o que lhe propoem o entendimento; & assim para adquirir a obediencia de Israel podia mais o conselho de Achitophel, que todo o exercito de Absalon: da mesma sorte para adquirir obediencias à Igreja mais podia a sciencia de Agostinho que os poderes dos outros Santos: Agostinho conquistava as vontades conuencendo os entendimentos com rezoens; os outros Santos conquistavam as vontades com o poder de fazer milagres: *Dedit illis potestatem ut, & langores curarent.* E para conquistar vontades nam valem tanto os poderes, quanto valem as rezoens; por isso a sciencia desta grande luz de Agostinho excedeo o resplendor de todas as luzes. Mas porque o excesso com que esta grande luz singularmente luzio, se pode conhecer melhor pello excesso com que ardeo (pois com o mesmo coraçam amava sabendo, & sabia amando) vejamos agora quanto amou para conhecermos quanto entendeo.

§. IV.

AMou Agostinho a Deos com hum amor tam extremo, & tam singular que pella sua singularidade se ha de medir o seu excesso. Em hũa occasiam que Agostinho extatico em oraçam falava amorosamente com Deos, quiz Deos examinar o amor de Agostinho, & preguntoulhe: *Se o amava? Como o amava?*

ua? quanto o amava? Estupendo fauor! Agostinho que se vio obrigado a explicar a grandeza daquelle amor que senam podia explicar com palauras, respondeo desta sorte. Senhor, *se eu fora Deos, & vòs foreis Agostinho, eu deixara de ser Deos para que vòs o fosseis.* Desta sorte explicou Agostinho o seu amor. Eu quando considero nesta reposta de Agostinho pareceme que o seu amor pudera ser mais perfeito, & mais fino, porque pudera ser amor sem defeito nenhum, & este amor mostra que teue dois defeitos: hum defeito por parte do entendimento, outro defeito por parte da vontade. Diz Agostinho que se fora Deos deixara de o ser para que Deos o fosse. Deos he impossuiel que deixe de ser, & o entendimento que nam conhece este impossuiel, he defeituoso; logo este amor de Agostinho incluia hum defeito por parte do entendimento. Vamos ao defeito da vontade. Diz Agostinho que deixaria de ser Deos para que Deos o ficasse sendo. O amor he hũa vniam affectiua que vne entre si os amantes: este amor nam vnia a Agostinho com Deos, antes destruia a Agostinho para que Deos ficasse sendo: logo este amor incluia hum defeito por parte da vontade. Era defeituoso por parte do entendimento porque appetecia hum impossuiel; & era defeituoso por parte da vontade, porque nam appetecia vnir, senam distinguir os amantes: & assim este amor para com Deos, parece que nam era perfeito nem fino. Assim parece mas nam he assim: quem considerar este amor de Agostinho para com Deos, commua, & vulgarmente na ordem daquelle amor que commummente se acha nas creaturas, dirà que este amor foi defeituoso por parte do entendimento, & por parte da vontade, mas quem considerar este amor mais alta, & mais profundamente na ordem daquelle amor que he supremo, & singularissimo, ha

de achar que este amor de Agostinho foi excessiuo, & foi vnico, foi singular, & foi incompara- uel.

Nam foi defeito do entendimento no amor de Agostinho appetecer impossiveis, nem foi defeito da vontade nesse mesmo amor, querer distincoes, antes foi fineza, & singularidade desse amor: acudamos primeiro à rezam que nos argue contra o entendimento, depois acudiremos ao argumento que nos insta contra a vontade. Digo que foi fineza, & nam defeito daquelle amor, appetecer impossiveis; a rezam em que me fundo, parecerà novidade, mas he certa. He certo que todo o amor quer que os seus desejos cheguem a ser effeitos, mas com esta diuersidade, que o amor que he vulgar, & commum, quer que os seus desejos cheguem a ser effeitos por aquelles meios vulgares, & faceis; por isso appetece cousas possiveis que possam succeder facilmente, sem grande empenho do amante, & sem grande interece do amado: mas o amor que he fino, & singularissimo, quer que os seus desejos, cheguem a ser effeitos por meios mais desusados, & mais difficultosos, por isso appetece impossiveis, que só possam succeder extraordinariamente, com mayor empenho do amante, & com mayor interece do amado: se os pulpitos admittiram tanta speculaçam como as cadeiras, bem se prouaua isto com a vontade Diuina efficax, & inefficax; mas como esses termos sam mais proprios das cadeiras, que dos pulpitos, vejamos se achamos algum lugar na scriptura, que nos desempenhe o pensamento, & nam só o pensamento, mas tambem a rezam d'elle, & a fassa mais clara, que me parece nam està ainda bastantemente explicada.

Abulens.
rom. 6. in
2. reg. cap.
15.9.4.

Conuem os expositores sagrados em que o amor que teue Dauid a seu filho Absalon, foi muito fino, & foi

foi muito singular; mas em que consistisse a singularidade desse amor, até agora nam está averiguado: huns dizem que aquelle amor foi singular, porque pode acabar com David que perdoasse a Absalon, & se esquecesse da morte do seu primogenito Amnon que Absalon tinha morto, & que era mui singular o amor em David que antepunha a vida de Absalon à vida do seu primogenito. Outros dizem que aquelle amor foi singular porque acompanhou a David em toda a fortuna tanto nas desgraças, quanto nas felicidades: nas desgraças, porque quando David andava perseguido do mesmo Absalon, & estava vacillante a sua Coroa pella ambição do filho, ainda entam encomendava aos seus generais, q̃ lho guardassem: *Servate mihi puerum Absalon.* Nas felicidades; porque quando se via victorioso David, entam se esquecia das suas victorias para sentir a morte de Absalon: *Absalon fili mi, fili mi Absalon.* E hum amor aquem nem as felicidades fazem tibio, nem as desgraças fazem deatento, he muito singular. Estas rezoens tem muito fundamento, mas eu considerando mais nesta mesma rezam, digo que a singularidade daquelle amor consistio em que David desejou hum impossivel per amor de Absalon: desejou David morrer em lugar de Absalon: *Quis mihi tribuat ut ego moriar pro te.* isto era impossivel; porque David nam vivia com a vida de Absalon, logo nam podia morrer com a sua morte: a morte he huma privação da vida, he hũa violencia que tira a vida donde a acha; David nam tinha em si a vida de Absalon; logo nam podia a morte tirarlhe aquella vida que elle nam tinha: assim era, mas como o amor de David era muito fino, & mui singular, desejou este impossivel que se havia de obrar com mayor empenho do amante (porque David havia de

2. reg. c. 18. n. 5.

2. reg. c. 18. n. 33.

morrer) & com mayor interece do amado (porque morto Dauid ficaua Absalon logrando a Coroa que desejava:) esta foi a fineza daquelle amor, esta foi a sua singularidade; bem se segue logo que desejar impossueis nam he defeito no entendimento do amante, mas he singularidade de seu amor.

Satisfeito já ao argumento que nos impugnaua ao amor de Agostinho por parte de seu entendimento, importa agora acudir à instancia que nos aperta contra a fineza daquelle vontade. Dezia a instancia, que incluia hum defeito por parte da vontade aquelle amor com que Agostinho dezia que deixaria de ser Deos para que Deos o fosse; porque parece que hauia de dizer: que se Agostinho fora Deos, & Deos fora Agostinho se hauia de vnir tanto com elle, que fossem ambos a mesma cousa: isto era a mayor fineza; isto he o que dita a rezam, & o que mostram os exemplos: a rezam assim o dita, porque o amor he hũa vniam affectiua, & quando o amor he grande faz vniam entre os amantes, como proua este exemplo. Era grande o amor que tinha Jonathas a Dauid, & esse amor como era grande, fez hũa vniam: *Conglutinata est anima Ionathae anime Dauid.* Vnio hũa alma com outra alma. E se o amor chega a ser mayor, nam sómente faz vniam mas faz vnidade: como proua este exemplo; o mayor amor que ouue neste mundo foi aquelle amor que Christo Senhor nosso na vltima Cea queria que tiueessem os Discipulos entre si para estarem todos vnidos por amor: para isto fez o Senhor petiçam ao Padre Eterno com estas palauras: *Pater Sancte serua eos in nomine tuo quos dedisti mihi vt sint vnum sicut, & nos.* Pedia que os Discipulos estiuisssem vnidos por amor, & fossem affectiuamente a mesma cousa assim como o Padre Eterno, & o Filho sam realmente hũa cousa só: isto era que-

I. reg. c. 18.
v. 1.

Ioan. c. 17.
v. 11.

(23)

querer que nam só tiuessem vniam, mas que tiuessem vnidade, porque o Padre Eterno, & o Filho nam tem vniam, mas tem vnidade, que verdadeiramente sam hum só Deos. A vista destas rezoens, & destes exemplos como poderei eu agora dizer que o amor de Agostinho foi grande, quando nam pretendia vnirse por vniam, nem por vnidade, & só pretendia apartarse, & distinguir-se?

Aqui meu grande Patriarcha, com muita rezam pudera eu dizer destes singularissimos actos da vossa vontade aquillo mesmo que vós ponderosa, & profundamente dissestes fallando dos actos liures da vontade Diuina: *Hic si ratio quæritur non erit mirabile, si exemplum poscitur, non erit singulare.* Neste amor se lhe achamos rezam, nam fora elle admiravel, se lhe achamos exemplo nam fora singular. Meu grande Patriarcha? porque o vosso amor foi admiravel nam lhe alcançamos a rezam; porque foi singular nam lhe achamos exemplo. Mas se lhe nam achamos exemplo nas creaturas das estrellas abaixo, hauemoslhe de achar hum vnico, & singularissimo exemplo das estrellas a cima.

D. Aug. e-
pist. 3. ad
Volusian.

He verdade que se o amor he grande faz vniam, & se he mayor faz vnidade, mas se o amor he supremo, & singularissimo faz distincam entre os amantes. Foi grande o amor de Jonathas com Daud, por isso fez aquella vniam: *Conglutinata est anima Ionathæ animæ Daud.* Foi mayor o amor que Christo queria nos Discipulos, por isso pedia aquella vnidade affectiua: *Vt sint vnum sicut, & nos.* He supremo, & singularissimo aquella amor com que o Padre Eterno, & o Filho se amam entre si, & este amor como he supremo, & singularissimo faz distincam, porque por este amor procede o Espirito Santo que em rezam de pelloa distingue do

1. reg. 18.
n. 1.
Ion. cap. 17
n. 11.

do Pay, & do Filho: eis aqui mayor singularidade no amor que faz distincões. Bem sei que senam pode dar comparaçam das creaturas finitas, & limitadas com aquella amor de Deos que he infinito; mas tambem sei que Deos he o vnico exemplar, & a suprema regra de tudo o creado, & assi nas creaturas aquella que mais se chegar a Deos essa serà mais perfeita: donde bem se segue que o amor de Agostinho era mais perfeito pois se chegaua mais às perfeições do amor Diuino.

E porque nam pareça que fica menos encarecido este singularissimo amor de Agostinho prouado sómente com o exemplo, busquemoshe tambem a rezam. A rezam a meu ver he que aquella amor serà mais singular, & mais fino, que quizer ver ao amado mais independente, porque assim serà mais desintereçado; & o amor que quer ver ao amado mais independente, he aquella que pretende distinguir-se; & nam aquella que faz vniam entre os amantes: & a rezam desta rezam vem a ser, que aquellas cousas que estam vnidas, estam dependentes, & ainda que por virtude da natureza seja hũa mais nobre que a outra, com tudo por virtude da vniam ainda essa mais nobre ha de depender da outra menos nobre: he mais nobre a nossa alma que o nosso corpo, & quando està defunida delle està independente, mas em quanto està vnida depende desse corpo menos nobre para as operaçoens, & para os mouimentos de tal sorte que se o corpo està enfermo, nem a alma tem agilidade para entender, nem para mouer-se; que a tantas dependencias a obriga aquella vniam. As pessoas Diuinas que se distinguem realmente entre si sam realmente independentes porque cada huma he verdadeiro Deos, & Deos nam depende. Aquelle amor de Dauid para com seu filho Absalon, que temos encarecido por singular, porque appetecia hum impossivel; ma-
is

(25)

is propriamente foi grande, & foi singular porque que-
 ria (distinguindose, & apartandose) fazer a Absalon
 independente: se David quizera deixar a Coroa a seu
 filho Absalon, & ficar com vida, ficara Absalon de-
 pendente de David que era o verdadeiro Rey, mas
 como David queria apartarse deixandolhe a Coroa,
 & ficar morto: *Vt ego moriar pro te.* Nisso mesmo
 queria que Absalon lograsse a Coroa liure, & inde-
 pendente: que tam fino, & tam singular chegou a
 ser aquelle amor. Oh grande Agostinho! querieis
 deixar de ser Deos, para que Deos o ficasse sendo
 independente do mesmo que lhe hauia de dar a
 Deuindade; & nam foi defeito do vosso entendi-
 mento appetecereis hum impossiuel, nem foi defei-
 to da vossa vontade nam pertender vnioens; antes
 foi singularidade do vosso amor, que fostes luz tam
 singular, & tam vnica: *Vos estis lux:* que singular-
 mente luzistes, & singularmente ardestes pellos
 mesmos passos que parecieis diminuir as luzes, &
 os ardores.

2. reg. 18.
n. 33.

§. V.

A Assim luzio, & ardeo singularmente este gran-
 de, & vnico sol da Igreja: assim entendo,
 & amou Agostinho, sendo o seu coraçam por
 esta singularidade tam digno emprego das setas do
 amor Diuino, que se gloriou o mesmo Deos com
 os triumphos daquella victoria. Despedio o amor
 Diuino do arco as suas setas para o coraçam de A-
 gostinho. *Sagitaueras tu Domine cor meum.* E sa-
 tisfeito com o acerto daquelle tiro pendurou o arco
 nas nuuens por credito de seus triumphos: *Ponam ar-*
cum meum in nubibus. E disse o sabio que nessa occa-
 sion ficara mais illustre, & mais glorioso o poder Diui-
 no: *Vide arcum, & benedic eum qui fecit illum, valde*

lbi. 9. conf.
c. 2.

genes. c. 9.
n. 13.

Eccles. cap 3.
43. n. 12.

D

spe.

speciosus est in splendore suo. Tam satisfeito estaua o amor Diuino de ter ferido a Agostinho; porque nelle só achaua que tinha hum Doutor maximo para a Igreja, que com sua doutrina a illustrasse, & defendesse de todos os erros, & herezias: hum Patriarcha que desse regra a mais de vinte & quatro Religioens: hum reformador das Religioens, tam singular, que só com a sua primogenita dos Congos Regulares augmentasse a Igreja com sincoenta & tres Summos Pontifices, onze Imperadores, & Reys; Cardeaes dois mil & setecentos & sessenta & sete; Bispos, & Arcebispos mais de vinte & doismil & nouecentos; innumeraueis Doutores, & Expositores das letras sagradas; & de Sãtos tão excessiuo numero que sómente o dos Canonizados passa de duzentos, & dezaseis mil, de tal sorte que se se repartissem pellos dias do anno, vinham para cada dia mais de quinhentos, & nouenta: & em fim neste grande Patriarcha tem a Igreja Catholica hum vnico sol que a illustre; & temos nõs os Congos Regulares hum primorosissimo exemplar, para que imitando suas virtudes mereçamos o nome de seus verdadeiros filhos, herdeiros de seu espirito participantes de sua graça que he o penhor da gloria. *Ad quam nos perducatur Dominus Omnipotens.*

F I M.



130

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & depois de impresso, virà à Meza pera se taixar, & conferir, & sem isso não correrà. Lisboa 19. de Outubro de 680.

Basto. Rego. Lamprea.

Està conforme com seu original. Coimbra Collegio nouo de S. Boaventura em 19. de Nouembro de 1680.

Fr. Pantaleam do Sacramento.

Visto estar conforme com seu original pode correr. Coimbra em 19. de Nouembro de 1680.

D. Fr. Alvaro Bispo Conde.



...le plus impie...
...de l'apostrophe...
...de l'apostrophe...
...de l'apostrophe...

Handwritten signature or name

...ceux qui...
...ceux qui...
...ceux qui...

...ceux qui...
...ceux qui...
...ceux qui...





SEP MOES
DO
SECCLO XII
CIV II

